

PEDROSA, M.

OBRAS COMPLETAS

AS BIENNAIS DE SÃO PAULO

V. 2

PINTURA BRASILEIRA E GOSTO INTERNACIONAL

Se isolarmos os pintores brasileiros da Bienal e os colocarmos em boas condições técnicas de apresentação, ao lado dos pintores internacionais, o confronto nada terá de desfavorável a nós. Um Milton Da Costa pode ser confrontado a um Hartung, a um Soulage, Poliakof ou Santomaso, e suas qualidades intrínsecas aparecerão, do mesmo modo, sem desvalor. O mesmo se pode dizer, naturalmente, de um Volpi, cuja obra, em seu conjunto, é das mais importantes no cenário internacional. Mesmo os mais jovens, como Lygia Clark ou Ivan Serpa, ao lado dos bons artistas europeus ou americanos de sua geração, manterão sem dificuldade suas posições. Almir Mavignier também está no mesmo plano. Aliás, Tanaka, representado na Bienal por duas telas, é dos melhores "tachistas" parisienses, apesar da visível influência de Burri sobre ele.

Em relação a Tanaka, o que se pode dizer é que sua linguagem é cosmopolita, quer dizer, parisiense. Quanto a Almir Mavignier, cuja técnica é perfeita, deixa passar as suas inatas qualidades sensíveis, mas é pela disciplina e pensamento um autêntico concretista da escola de Bill. Reina agora nas redondezas de Ulm-Zurique uma fuga às figuras geométricas puras e às definições espaciais por meio da linha e dos contornos. Querem usar a cor, e, principalmente o seu esbatimento ou o sfumato, para definir sugerindo apenas os limites entre formas e as variações espaciais. De modo exímio, Almir aplica a ideia em Três Centros e Duas Figuras, ao passo que em Formas Plásticas a invenção é mais individualizada.

A atual Bienal está consagrada ao "tachisme" e o pensamento implícito ou explícito do Júri Internacional de premiação foi confirmá-lo. E seu fervor manchista foi de tal ordem que se sente o deliberação menosprezo com que passou pela sala de nossa pintura, sem se deter diante dos nomes mais consagrados dela.

Fingiram não ver Volpi, fingiram não ver Milton Da Costa. Por um milagre, ou melhor, pela simpática e espontânea incoerência bem brasileira de Maria Martins, acabaram dando um prêmio de aquisição a Lygia Clark, por sinal que escolheram o mais fraco dos três quadros da er

tista.

O eminente Sr. A. Barr Junior, ao que se diz, proclamou ser to do aquele esforço "Bauhaus exercício". E também, pelo que ouvimos, o intri gara até a irritação, o fato de jovens artistas daqui e da Argentina se terem entregue a experiências chamadas concretistas. Irritara-o ainda a influência que Max Bill, por exemplo, chegou a exercer por nossas paragens: os estudos e a importância dados pelo excelente grupo de Nueva Vi sion, de Buenos Aires, a Mondrian, Woldenberg-Gildwart, Albers, Ventongerloo, Bill e outros tiveram o dom de impacientá-lo. Que preferia o ilus tre ex-diretor do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque? Que os jovens artistas brasileiros ou argentinos se deixassem influenciar mais uma vez por Picasso, Pouault, Soutine ou mesmo por algumas das glórias descobertas pelo mesmo museu, gênero Peter Blume?

Mas o que não percebeu o autorizado crítico é que sua irritação provém de não ter encontrado, em Ibirapuera, uma pintura a seu gosto, ou ao gosto eclético hoje dominante em Paris ou Nova Iorque. E não encontrando nada que afagasse seus hábitos, desviou-se, como todo estrangeiro importante faz ao chegar às nossas plagas, na procura de tabas de índios e de revoadas de papagaios. Em geral esta é a atitude da maioria dos crí ticos estrangeiros que nos visitam: ou querem uma pintura ou escultura (de boa qualidade, já se vê), mas que esteja dentro dos cânones estéticos e do gosto predominante na atualidade em seus próprios meios, a prioris ticamente considerados mais adiantados ou pelo menos mais sofisticados, ou então alguma coisa autóctone. Entendem, porém, por autóctone tudo que indique primitivismo, romantismo, selvagismo, isto é, no fundo exotismo. Não gostam de permitir aos nossos artistas uma pesquisa, uma linguagem moderna e não ao gosto do momento nos grandes centros europeus.

Predomina agora nesses centros uma arte de tendência romântica, ou melhor, anti-cultural, no sentido de preferir os valores ditos intuitivos ou subjetivos aos valores plásticos mais puros. Têm horror, como homens cansados de cultura e de experiências estéticas, a tudo que lembre estrutura, ordem, disciplina, tensões, otimismo, beleza plástica, em suma. Ora, os nossos melhores artistas de agora não estão nessa linha: pior ainda: não se importam se o que atualmente estão fazendo não é o que está em moda na Europa ou Estados Unidos. Ou lá não é apreciado.

Um tal ^{estado} de espírito é para nós, brasileiros, muito auspicioso e é necessário preservá-lo de todas as maneiras, pois será na medida de sua preservação que algo de novo e de especificamente nosso poderá surgir. Revela pela primeira vez um pensamento, um sentimento de independência que se vai generalizando entre os melhores de nossos artistas. De um Volpi a um Milton Oacosta, de Franz Weissmann a Lygia Clark, de Iven Serpa a outro jovem pintor moderno daqui ou de São Paulo, reina o mesmo estado de espírito; uma espécie de embrião de escola, cujas características fundamentais é cedo para tentar definir e cuja designação ainda, portanto, é difícil dar.

Uma coisa, porém, é certa: os seus fundamentos estilísticos e estéticos estão aparecendo e se vão delineando, lenta, mas progressivamente. Ora, isto é um fenômeno cultural e mesmo espiritual importante demais para ser desprezado e trocado pelo gosto eclético ou rigoroso, excelente ou não, do Sr. Barr Junior e de seus eminentíssimos confrades internacionais.

19.11.1957

Pedrosa,

"Jornal do Brasil", 19.11.57